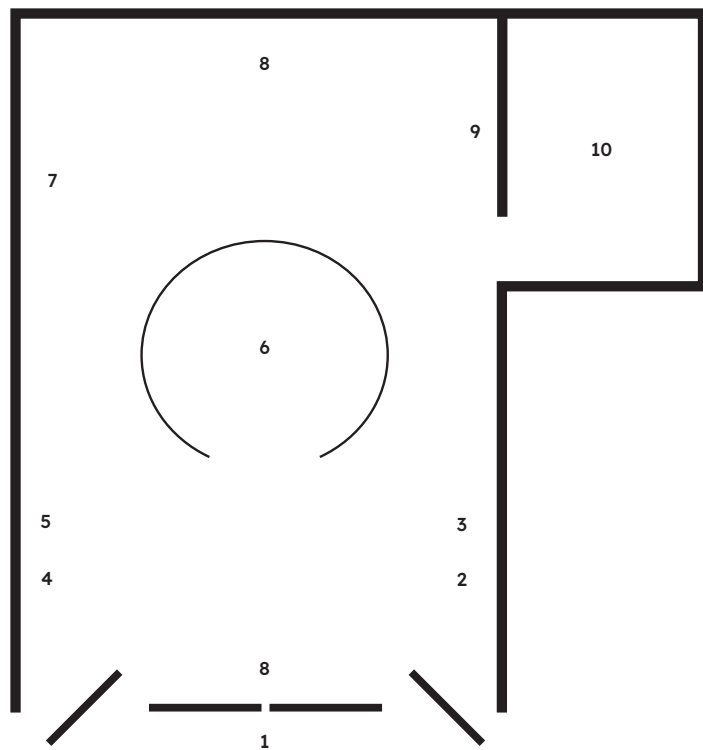




1 CARA LAVADA
Atlas Açórico, 2026
Tinta acrílica
628x71 cm

2 Paula Mota
As alegrias da fajã do Ouvidor, 2026
Acrílico sobre tela sobre estrutura de platex
Diâmetro: 112 cm

3 Paula Mota
Arthur sonha com o regresso à calheta, 2026
Acrílico sobre tela sobre estrutura de platex
Diâmetro: 112 cm

4 Paula Mota
O amor entre eles não foi passageiro, 2026
Acrílico sobre tela sobre estrutura de platex
Diâmetro: 112 cm

5 Paula Mota
Em cada diadema coroado pelo mar, 2026
Acrílico sobre tela sobre estrutura de platex
Diâmetro: 112 cm

6 Coletivo NÖIA
topologia para uma escuta pós-orgânica, 2026
Tecido, metal, rocha vulcânica, plantas invasoras, microfones de contacto
Dimensões variáveis

7 Mota Amaral discursa em manifestação na luta pelo autogoverno dos Açores, Praça Gonçalo Velho, Ponta Delgada, 17 de novembro de 1975
BPARPD, Arquivo JBMA, doc. 1821/13.1

Carta remetida por Natália Correia a Mota Amaral referente ao Hino dos Açores, 7 de agosto de 1980
BPARPD, Arquivo JBMA, doc. 235.2.2

Versão oficial da melodia do Hino dos Açores, *Jornal Oficial*, 12 de abril de 1979
BPARPD, Arquivo JBMA, doc. 235.2.3

Sugestão para a letra do Hino dos Açores da autoria de Natália Correia, 1980
BPARPD, Arquivo JBMA, doc. 235.2.5

Hino dos Açores — Voz de Natália Correia, 7 de agosto de 1980
Áudio, 3'50"
Presidência do Governo Regional dos Açores/
Catálogo Coletivo de Arquivos-Património Arquivístico Açores

8 Carla Filipe
As esposas e mulheres (mulher anónima) de um corpo político ausente sob uma artificialidade de um corpo presente, 2022
Impressora digital, látex e tecido
200x135 cm
Coleção Arquipélago — Centro de Artes Contemporâneas

9 ruangrupa
Siasat: A Short Tactical Guide for Artist-Run Initiatives, 2011
Publicação, versão original (inglês) e tradução (português)

10 Joana Franco
a minha terceira perna e um braço, 2026
Madeira, algodão, pigmento, agrafos, parafusos, vídeo (13'56'")
Dimensões variáveis

AGRADECIMENTOS PELA CEDÊNCIA DE OBRAS E ARQUIVOS
Arquipélago — Centro de Artes Contemporâneas
Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada
Presidência do Governo Regional dos Açores

22^{mai} — 29^{ago}

EXPOSIÇÃO

We build our language with rocks¹

CARA LAVADA
Carla Filipe
Coletivo NÖIA
Joana Franco
Paula Mota
Curadoria vaga

Construir linguagem com rochas com aquilo que pesa, com o que resta, com beijinhos transatlânticos

É dar à língua para voltar a aprender a ser periferia

Nos arquipélagos, a linguagem forma-se na fricção entre isolamento e circulação. Cada ilha, cada lugar, cada freguesia produz o seu sotaque — não apenas na fala, mas na maneira como se ocupa do tempo, na forma como lê o horizonte ou aprende a viver com a distância. O sotaque torna-se uma forma de relação com o território; uma maneira do lugar permanecer dentro da linguagem.

A autonomia talvez comece aí: na capacidade de produzir uma expressão própria a partir do lugar que se habita.

Há formas de conhecimento que só emergem dessa experiência situada. Modos de perceber construídos a partir da proximidade ao território, da atenção aos seus ritmos, vulnerabilidades e transformações. Contra a tendência homogeneizadora da globalização, o lugar resiste como espaço vivido: algo que se sente, que se atravessa, que se herda e se negocia continuamente. No texto *A inteligência do lugar*², Carlos A. Cuperto recupera a ideia de que os territórios não são fundos neutros nem meros cenários sobre os quais a vida acontece. Os lugares moldam percepção, memória, comportamento e imaginação. Pensam connosco. Guardam formas de conhecimento difíceis de traduzir em linguagem universal: saberes incorporados nos gestos, nas escalas, nos hábitos e nos modos de circulação e convivência.

v a g a

EXPOSIÇÃO COM O APOIO



UM PROJETO

Anda & Fala
ASSOCIAÇÃO CULTURAL

PROMOTORES PDL26



ESTRUTURA FINANCIADA POR



COFINANCIAMENTO PDL26



PARCEIROS INSTITUCIONAIS PDL26



APOIO À PDL26



Contra a fantasia moderna da auto-suficiência, Donna Haraway³ lembra-nos que nada existe sozinho. Toda a forma de vida emerge através da relação, da dependência e da coabitação. Talvez a autonomia não consista em separar-se do mundo, mas em desenvolver formas de permanecer poroso a ele sem desaparecer.

É também nesse sentido que Édouard Glissant⁴ propõe pensar identidade não como raiz única e fixa, mas como relação: algo que se transforma através do encontro, da deriva e da troca. O arquipélago surge, então, não como metáfora de isolamento, mas como modelo de coexistência entre singularidades. Um espaço onde a diferença não desaparece na relação — torna-se mais complexa através dela. O mar, tal como a linguagem, nunca separa totalmente. Transporta corpos, ruínas, fantasias, mercadorias, afetos e violência. Aproxima aquilo que parece distante e torna instável qualquer ideia fixa de centro.

Entre oralidade insular, arquivos reativados, ecossistemas sonoros, imaginários populares, corpos em negociação e ferramentas de organização coletiva, *We build our language with rocks* aproxima práticas onde território, memória e relação permanecem em transformação contínua. As obras acumulam formas de escuta, resistência e desejo, propondo diferentes maneiras de habitar o arquipélago e permanecer em relação com o mundo.

Em 2026, quando se assinalam cinquenta anos da autonomia político-administrativa dos Açores, talvez a questão não seja apenas celebrar uma condição adquirida, mas perceber que linguagens já não nos servem — e quais ainda precisamos de construir. Que formas de autonomia podem emergir da inteligência contida nos lugares, e das relações que estes mantêm entre si e das formas de escuta capazes de transformar o território?

A maresia é a certeza de um futuro

Linguagem

Partindo de expressões e música popular, slogans improvisados, provérbios, rumores e pequenas ficções insulares, **CARA LAVADA** constrói uma pintura mural que funciona simultaneamente como cartografia-manifesto, mapa mental, arquivo oral e glossário arquipelágico. Os desenhos e frases acumulam-se no espaço como fragmentos de pensamento coletivo: ecos de oralidade, humor, sobrevivência, melancolia e automitologia. Entre graffiti, poesia popular e imaginação política, o mural constrói uma ecologia de linguagem onde diferentes vozes, ritmos e contradições coexistem sem se fixarem numa narrativa única. Tendo como base geografia, arquivo e afeto, o trabalho propõe um mapa especulativo que aponta para a construção de epistemologias periféricas e formas de autonomia sustentadas na colaboração geográfica e humana.

Memória

O **conjunto documental** apresentado, proveniente da Biblioteca e Arquivo Regional de Ponta Delgada e da Presidência do Governo Regional dos Açores, reúne fotografias, correspondência, propostas para o Hino dos Açores e outros materiais associados ao processo de consolidação da autonomia político-administrativa da Região. Estes documentos históricos revelam a autonomia enquanto processo de imaginação coletiva, negociação e construção narrativa. Entre eles, destaca-se a troca de correspondência entre Natália Correia e João Bosco Mota Amaral em torno da criação do Hino dos Açores, na qual a escrita surge simultaneamente como gesto político, exercício simbólico e disputa sobre as formas de representar e imaginar o território.

Partindo de imagens de arquivo associadas às manifestações ocorridas em São Miguel no período pós-revolução de 1974, **Carla Filipe** desenvolve um exercício de apropriação, deslocamento e reimaginação da memória visual da autonomia açoriana. Ao substituir os rostos de homens presentes nas fotografias por rostos de mulheres, a artista questiona a exclusão histórica das mulheres do espaço político, da representação pública e da agência social. Entre bandeira, cartaz de rua e gesto performativo, o trabalho recupera linguagens associadas à luta coletiva para reinscrever outras presenças, narrativas e possibilidades de pertença.

Ecossistema

A instalação do **Coletivo NÖIA** cria um bioma sensível onde sons, vibrações e presenças emergem através do contacto. Integrando líquenes endémicos dos Açores suspensos em cabos, uma *Gunnera tinctoria* — espécie considerada invasora na região — e estruturas híbridas entre o orgânico e o industrial, a peça funciona como um sistema

de escuta reativo à proximidade e à circulação entre corpos, ambiente e matéria. Sobre uma base de sons orgânicos e naturais, o toque ativa reverberações mais industriais e tecnológicas, aproximando a instalação de um coro coletivo em permanente transformação. Inspirada nas ramificações de uma árvore-chorão, a peça explora formas de relação, coexistência e interdependência entre natureza, tecnologia e corpo.

Imaginário

Estas pinturas de **Paula Mota** aproximam-se dos *registos açorianos*, recuperando a sua dimensão ornamental, afetiva e devocional para a deslocar em direção a outras formas de intimidade e representação. Em vez dos tradicionais santinhos, surgem casais, corpos, romances e imagens retiradas de pequenos livros populares, cultura visual vernacular e imaginários melodramáticos. Entre lapas, cracas, pedrinhas, padrões decorativos e elementos naturais, as pinturas acumulam referências e afetos sem hierarquia fixa, criando pequenos ecossistemas visuais onde memória, desejo, fantasia e território se contaminam mutuamente. Cada trabalho funciona como um microcosmo relacional: simultaneamente popular, excessivo e íntimo.

Corpo

Joana Franco explora o espaço instável entre corpo individual e corpo coletivo. Fragmentos corporais aproximam-se, sustentam-se ou desviam-se mutuamente, criando formas provisórias de equilíbrio, tensão e coexistência. A imagem recorrente de uma “terceira perna” atravessa os trabalhos como possibilidade simultânea de apoio, resistência e limitação, evocando um corpo em permanente negociação com os outros, com o espaço e consigo próprio. Entre vulnerabilidade, agência e interdependência, as peças aproximam-se de um corpo que dobra, repete e retrai, onde tocar, atravessar e permanecer próximo se tornam formas de presença mútua — “dou-te o que me dás, assim somos”.

Colaboração

Desenvolvido pelo coletivo indonésio **ruangrupa**, *Siasat: A Short Tactical Guide for Artist-Run Initiatives* reúne estratégias, experiências e ferramentas para a criação e sustentabilidade de espaços geridos por artistas. Pensado como um manual de sobrevivência, propõe formas alternativas de organização assentes na colaboração, na partilha de recursos e na autonomia coletiva. Apresentada aqui numa tradução portuguesa realizada especificamente para a exposição, a publicação funciona simultaneamente como arquivo, ferramenta prática e convite à construção de infraestruturas culturais mais horizontais e relacionais.

^[1] Este livro reúne obras de artistas locais e internacionais, explorando a relação entre linguagem, memória e território

^[2] Este livro reúne obras de artistas locais e internacionais, explorando a relação entre linguagem, memória e território

- ↑ “Construímos a nossa linguagem a partir da rocha”. Adaptado do título original de Édouard Glissant, *I build my language with rocks*.
- ↑ Carlos A. Cuperto, *A inteligência do lugar — do colapso global à vida local*, Lisboa, 2026
- ↑ Donna J. Haraway, *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*, Durham: Duke University Press, 2016.
- ↑ Édouard Glissant, *Poétique de la Relation*, Paris: Gallimard, 1990.